

A CONDIÇÃO FEMININA E OS RELACIONAMENTOS AMOROSOS SOB O ENFOQUE DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Noely Montes Moraes

O objetivo desta apresentação é demonstrar como a reflexão baseada nos conceitos e metodologia da abordagem analítica permite a compreensão das questões relativas à condição feminina e aos relacionamentos amorosos.

Em 1980, comecei o mestrado e a questão escolhida tinha a ver com as profundas transformações no entendimento de gênero decorrentes das alterações culturais, econômicas e sociais ocorridas especialmente na segunda metade do século XX. Esse período coincide com o meu nascimento e, portanto, eu e as mulheres da minha geração sentimos o impacto direto dessas mudanças.

Propus as seguintes questões: “Como as polaridades feminino/masculino estão sendo definidas hoje e como se integram, ou não, à identidade da mulher? Qual o sentido, significado e valor a elas atribuídos?” Utilizei entrevistas com mulheres universitárias e, para análise, fiz uso dos conceitos de persona (conjunto de atributos e expectativas do que venha a ser uma mulher), dos princípios Feminino/Masculino (em maiúsculas, não como adjetivos), e do conceito de androginia psíquica, como processo de integração de polaridades.

Os resultados propiciaram a compreensão de que estaria havendo uma revisão de papéis (persona) baseada na aceitação de alguns aspectos do Feminino e na rejeição de outros, bem como na necessidade de incorporar alguns aspectos do Masculino que viriam a completar lacunas que a adoção exclusiva do Feminino deixaria.

O que pôde ser percebido foram os seguintes pontos:

- maior flexibilidade e ampliação das expectativas em relação aos papéis femininos;
- desejo de incorporar atividades e posturas antes reservadas aos homens;
- valorização de aspectos femininos revelando uma postura crítica em relação aos dois princípios;
- tratava-se, portanto, de uma integração e não da substituição de um princípio pelo outro.

Embora tal transformação pudesse gerar ansiedade e desorientação, esse seria um pequeno preço diante de um bem tão precioso como a liberdade de ser fiel a si mesma e ousar traçar caminhos originais sem medo de ser atirada à fogueira.

Mas a observação clínica, os meios de comunicação e aquilo que eu podia verificar no meio social me revelavam uma realidade diferente. A conquista do espaço externo aconteceu rapidamente, a mulher adquiriu maior grau de instrução, autonomia financeira, cargos importantes, até presidenta da república! Mesmo assim, as mulheres continuavam presas a um modelo cujo valor dependia de ter um homem a seu lado, chegando a extremos não raros de suportar cargas absurdas de violência e sofrimento. Em casos mais leves, infelicidade e insatisfação crônicas.

Recorrendo à Psicologia Analítica, comecei pela noção de que o mundo interno e externo são dois lados de uma mesma unidade. Nesse sentido, a opressão e a violência que atingem a mulher devem fazer vibrar uma corda da psique. Buscando na história da humanidade símbolos que apoiassem essa ideia, lembrei do casal primordial e de como Eva levou a culpa pela desobediência a Deus. Foi expulsa do

Paraíso e amaldiçoada com as palavras: “parirás em dor e ansiarás pelo teu homem e ele te dominará”. Eu havia encontrado o fundamento arquetípico na psique feminina como uma marca indelével.

Autores junguianos me ajudaram a entender como essa maldição de Eva se manifestava através do desenvolvimento feminino. O que encontrei foi a descrição de como a menina deve romper com a unidade original materna e suportar a invasão patriarcal no trajeto rumo à sua identidade. Em um contexto de forte desvalorização do Feminino, pode ocorrer um superdesenvolvimento do lado masculino levando a uma alienação do Feminino e tornando a mulher vítima indefesa dos poderes masculinos negativos. A integração harmônica sugerida na pesquisa de mestrado não conseguiu se instalar.

A maldição de Eva é sentida como forte ansiedade relacionada à expectativa de punição por um perseguidor interno (animus negativo, complexo paterno negativo). Suas manifestações incluem exigência de perfeição, supervalorização das falhas e imperfeições, cobrança para corresponder ao ideal ditado pelo coletivo em termos estéticos, de desempenho, de ter um parceiro, filhos perfeitos, performance sexual de filme pornô etc., e, num nível mais patológico, compulsão, depressão, distúrbios alimentares, dentre outros. No caso específico dos relacionamentos, a necessidade de receber reconhecimento e aprovação dessa instância masculina leva a mulher a buscar insistentemente atendê-la: verdadeiro estado de paixão, no sentido patológico do termo. Esse poderoso e exigente amante interno é projetado no parceiro amoroso. Diante dele, a mulher possuída pelo complexo de Eva reduzirá seu foco de interesses e aplicará toda energia em corresponder aos anseios do objeto da paixão, elevado à categoria de um deus.

Assim, a possibilidade de leitura simbólica daquilo que constituiria a maldição de Eva contribui para a compreensão dessa dinâmica que faz a mulher ansiar pela aprovação insinuada no olhar de desejo masculino, porque nele enxerga seu tirano/amante interno que é o verdadeiro objeto de sua paixão, que é aquele a quem busca atender. Ela se submeterá a ele, pois não ousará desafiar seu opressor por medo de uma ilusória punição: sua desqualificação radical como pessoa.

O conto Barba Azul também nos mostra um pouco dessa dinâmica bem como a sua solução: quem acabou vencendo o tirano é a heroína que dispunha de irmãos amorosos que derrotaram o monstro. A constelação dos aspectos positivos masculinos de distanciamento, raciocínio, objetividade e coragem permite o enfrentamento do parceiro destruidor.

Os estudos sobre o Feminino e a mulher foram evidenciando que, enquanto a integração de aspectos do Masculino foi se dando de maneira fácil e rápida nas áreas profissional e de administração da vida pessoal, familiar e econômica, no terreno amoroso ainda se percebe a convivência de padrões antigos e muita insatisfação. Outra questão se delineava para uma pesquisa: “Quais as expectativas amorosas da mulher contemporânea?” Esse estudo constituiu a tese de doutorado “*Sapos não viram Príncipes*”, que deu origem ao livro “*Fica comigo para o café da manhã*” e a muitos outros estudos, palestras, artigos.

Para a interpretação dos dados e reflexão sobre o tema, utilizei a noção de arquétipo, distinguindo esse conceito das formas de expressão que são condicionadas historicamente. No caso do tema da pesquisa, foi possível perceber que o anseio pela união de polaridades, que constitui o anseio amoroso, tem caráter arquetípico, mas o casamento, não. Foram usados ainda os conceitos de anima e animus, *hierosgamos*, mitos dominantes, busca de sentido coletivo para os relacionamentos e amplificação.

Algumas constatações e reflexões a que cheguei:

- substituição do mito “felizes para sempre” pelo “infinito enquanto dure”;
- casamento esvaziado de suas bases históricas de sustentação como a dependência econômica da mulher, confinamento da sexualidade feminina no casamento e garantia de sobrevivência da espécie.

Com o enfraquecimento das bases externas, o encontro amoroso, correspondente ao encontro arquetípico pôde adquirir formas singulares construídas por cada casal – menos Cinderelas e mais Penélopes.

Mesmo com tantas transformações, o assunto amoroso continua em alta e uma importante fonte de sofrimento, o que me levou a outra reflexão: a substituição do ideal romântico – o amor como sendo a solução absoluta para a angústia existencial e garantia da permanência e da fidelidade do par – pela concepção de amor mais próxima da cantada pela cigana de Bizet – o amor como um pássaro rebelde – escancarou a essência desse sentimento como imprevisível, exigente e misterioso.

Essa consciência levou homens e mulheres a ter que suportar a ideia assustadora de que a relação amorosa não é um abrigo seguro, mas, se vivido no risco a ele inerente, tem o potencial de ampliar a consciência e reconciliar o ego com o fluxo vital, com a condição de que cada um apoie o senso de valor em si mesmo. Como rezou Cazusa: “Para quem não sabe amar e fica esperando alguém que caiba nos seus sonhos”, Deus lhes dê coragem. Vale lembrar aqui que Gandhi disse uma vez que amar a alteridade do Outro é um feito heróico.

Percebe-se facilmente que a esfera amorosa é fonte de sofrimento. Na clínica da PUC, constatamos que as queixas amorosas constituíam mais de 40% das queixas trazidas para a triagem. Frente a esse número, instituímos o aprimoramento em questões amorosas e pudemos constatar as principais fontes de sofrimento amoroso: triângulos amorosos, infidelidades: inevitáveis uma vez que o amor é composto por sentimento, emoção, atração, e tem determinantes inconscientes, não se submete às normas monogâmicas. Essas, para serem sustentadas, dependem de força egóica para encarar o conflito ético.

Ou seja, não é o amor que garante a fidelidade, mas escolhas éticas feitas pelo ego cujo alcance é sobre a ação não sobre o sentir. No livro “È possível amar duas pessoas ao mesmo tempo”, é exatamente isso que desenvolvemos: essa é uma situação que exigirá algum nível de sacrifício.

Outra fonte de sofrimento ligada à anterior: desejo de ser a prioridade absoluta do parceiro, tido como capaz de curar nossas feridas, fazer a vida andar nos trilhos, sempre disponível, adivinhando nossos desejos, acertando nos presentes, nas viagens. Aqui percebemos a força arquetípica dos pais se projetando.

Anima e animus também comparecem, estimulando a liberação de energias que, de outro modo, permaneceriam latentes. A retirada das projeções exige a coragem ética de entender que o outro não está ali para atender ao nosso desejo.

A frustração de que o outro ou a relação não se encaixam no ideal coletivo nem nas demandas infantis, produz uma dolorosa ferida narcísica, acompanhada geralmente de manobras de poder: exigir constantemente informações ou a confirmação de importância, deixar de ter vida e amigos próprios.

Examinando-se outro ponto de vista, é possível adotar o par Puer/Senex para compreender algumas dificuldades amorosas. Se Puer predomina, é provável aparecer o comportamento de fuga de envolvimento revelando fixação numa dinâmica infantil e, ao mesmo tempo, resistência ao retorno ao mundo das mães. O preço a pagar é a solidão e uma insaciável busca de intimidade. Se Senex predomina, o que se vê é a tentativa de apoiar a relação amorosa em regras e ditames morais, religiosos e sociais. Vemos essa alternância de polaridade no plano individual e no coletivo. Assim, a década de 1960 foi marcada por forte constelação Puer abalando as estruturas tradicionais da família e revolucionando os costumes, enquanto hoje testemunhamos uma nova onda conservadora que quer impor um único modelo de família, manifestando a face mais negativa de Senex, pautada pela intolerância.

Falando em contemporaneidade, temos outro binômio promissor para ajudar na compreensão de aspectos do mundo atual: Narciso e Eros. A hipermodernidade traz como marca a contradição entre a liberdade de escolha, por um lado, e a tentativa de normatizar todos os comportamentos, por outro. Os relacionamentos amorosos são afetados por estas condições de nossa época:

- baixa tolerância a tudo que seja desprazer (frustração, sentimentos desagradáveis, conflitos, tensões): uma geração de mimados;
- necessidade compulsiva de controle (decorrente da anterior) no relacionamento amoroso: isso se manifesta na tentativa de garantir que a narrativa amorosa caiba num modelo coletivamente idealizado já que não há confiança possível nos próprios sentimentos;
- a “loucura” da paixão valorizada no amor romântico passa a ser vista como transtorno patológico;
- a exigência de demonstrações constantes de felicidade no Facebook, aliada à crença de que “é impossível ser feliz sozinho”, traz enormes cargas de sofrimento na medida em que os relacionamentos falham em cumprir as expectativas elevadas e, mais ainda, quando não se está num relacionamento;
- a noção de sacrifício pelo Outro ou pela relação perdeu valor;
- nota-se um afrouxamento ético: regressão do nível da culpa para o da vergonha;
- sem sacrifícios nem culpas, as relações assumem papel exclusivo de fonte de prazer, sem necessariamente reciprocidade, e tornam-se descartáveis, na medida em que se pode achar outra relação mais promissora em termos de fonte de prazer.

Essas características aproximam nossa época dos domínios de Narciso. Nesses domínios, a eventual aproximação de Eros ameaça o controle sobre prazer/desprazer, pois desloca a fonte de prazer para o Outro, contradição dolorosa, expondo uma vulnerabilidade insuportável.

O sofrimento amoroso trazido ao consultório e clínica pode ser entendido, em muitos casos, como decorrente basicamente desse conflito por três razões:

- 1- o que falta ao sujeito e o que ele deseja estão no Outro;
- 2- há o temor de que o Outro quebre a imagem grandiosa do ego, dado que não se reduz ao seu desejo de prioridade e exclusividade;
- 3- existe o medo do abandono que trinca essa mesma imagem grandiosa.

Seria no equilíbrio dessas forças narcísicas e eróticas que uma capacidade de amar a si e ao outro poderia se apoiar. Foi o que desenvolvi no artigo “*Eros e Narciso, a ebulição de forças anímicas*”. Narciso sem Eros permanece inconsciente de suas faltas e limites. Eros sem Narciso leva à fusão regressiva do Eu no Outro.

Ao se amar sem restrição (retiradas as projeções e em contato com os lados sombrios) é possível renunciar ao desejo de manipular o reflexo que o Outro devolve

e, assim, seria possível amar tanto o reflexo, já não tão grandioso, como o Outro em si, que não se reduz a um espelho. Esta poderia ser uma visão otimista: o narcisismo presente na cultura atual seria uma etapa para a transição do amor romântico de fusão para o amor de alteridade.

Resumindo o que esse contato com as queixas amorosas trouxe: a relação amorosa é um importante recurso do processo de individuação, pois promoveria condições para a integração de polaridades ao evitar o risco patológico da unilateralidade.

A força arquetípica para esse encontro tem em Eros a imagem perfeita. A experiência amorosa manifesta, na história única do par, a atualização do *hierosgamos*. Aqui já se pode deduzir que a vivência amorosa não está só a serviço do ego e o quanto ele vai “espernear” diante das frustrações inerentes a essa experiência.

Sendo Eros uma força tão potente, entende-se de onde vem tanto investimento libidinal na relação amorosa. É função de Eros produzir tensão, movimento, convocando e mobilizando energias e afetos, bem como constelando aspectos inerentes que devem ser vivenciados pela psique em expansão. Dito de outra forma, amor e paixão constituem o fogo necessário para produzir a combustão requerida pelas operações alquímicas da alma, tais como a integração de opostos, processo indispensável da individuação.

Jung esclarece (ou confunde mais), no final de sua biografia, que a experiência amorosa é uma vivência de extrema força mobilizadora, que transcende os limites e formatos religiosos e culturais, e cuja função vai além da perpetuação da espécie. No plano individual, propicia integrações consteladas pelo encontro com o Outro, levando à expansão de consciência. Mas ele aponta também uma função cosmogônica: cada par amoroso encarna e atualiza a união divina do Feminino e Masculino, constelando o arquétipo da *coniunctio*.

Em suas palavras: “[...]o amor não constitui] simplesmente um desejo, uma preferência, uma predileção, um anelo, ou sentimentos semelhantes, mas um todo, uno e indiviso, que se impõe ao indivíduo. [...] O homem é subordinado a ele, está à sua mercê. Quer concorde ou se revolte, está preso, cativo, depende dele e tem nele seu fundamento. O amor é luz e trevas cujo fim nunca se pode ver.”

Essa visão trágica, apoiada em raízes da Grécia Antiga e do Romantismo alemão, assim como em filósofos como Nietzsche e Schopenhauer, confronta-nos com os limites do mistério, com a fronteira além da qual o método científico se torna insuficiente, um território do qual apenas os artistas conseguem se aproximar, como Guimarães Rosa ao fazer Riobaldo dizer: “O amor já de si é um arrependimento; mas quando o amor é destino dado, maior que o miúdo, a gente ama inteiro fatal carecendo de querer, e é um só facear com as surpresas. Amor desse, cresce primeiro, brota é depois.” (p.139 *Grande Sertão Veredas*)